

Tales Faria

Presidente da Comissão do 6x1: 'O que for a voto será aprovado'

O deputado Alencar Santana (PT-SP), presidente da Comissão Especial da Câmara que analisa a proposta de derrubada da escala semanal de seis dias de trabalho por um dia de folga (escala 6x1) disse à coluna que o texto que for a voto no plenário na próxima quinta-feira "muito provavelmente será aprovado".

Segundo ele, terá importância decisiva na definição desse texto a reunião que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) manterá na manhã desta segunda-feira, 25, com o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB).

"A tendência é de que saia dessa reunião a base para o acordo do que será votado na Comissão. Difícilmente aqueles que são contra a derrubada da escala – e eles existem! – irão se expor e votar contra o texto acordado", disse Alencar Santana.

O presidente da Comissão diz estar "otimista com realismo" quanto à aprovação. Diz que já está praticamente acertada a redução da jornada semanal de 44 horas para 40 horas com dois dias de folga, sem diminuição de salários.

O texto, no entanto, não fixará se serão dois dias seguidos de folga. Dirá que o trabalhador tem direito a dois dias de descanso, sendo um deles preferencialmente aos domingos. "Não dá para estabelecer, por exemplo, que todos os trabalhadores de todas as categorias pararão no sábado e no domingo", explica o deputado.

O detalhamento pode ficar para a regulamentação, ou até mesmo o próprio texto aprovado dizer que caberá às categorias definir mediante acordo entre patrões e empregados. Mas será fixado que as categorias que já trabalham menos de 40 horas se-

manais não poderão ter a jornada aumentada.

O ponto que ainda gera polêmica é a regra de transição para a nova escala. Segundo ele, "inicialmente se pensava em quatro anos" para o novo esquema valer, mas as entidades empresariais queriam algo entre dez e 15 anos para a transição.

O presidente Lula defende que as 40 horas semanais com dois dias de folga passem a valer imediatamente. O relator, deputado Leo Prates (Republicanos-BA), chegou a propor uma diminuição gradual, de uma ou duas horas por ano. Lula e Motta baterão o martelo nesta segunda-feira.

À tarde, Santana abre a sessão na Comissão Especial e o relator apresenta a proposta de texto para ser colocado em discussão. A ideia é que o projeto final da Comissão seja votado na quarta-feira e, no dia seguinte, quinta-feira, 28, esteja aprovada a PEC (Proposta de Emenda Constitucional), em dois turnos, no plenário da Câmara.

Segue, então, para a apreciação dos senadores. Como Hugo Motta, o presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP) também promete celeridade na tramitação na Casa.

Afinal, em véspera de eleições, nenhum político quer ficar marcado por dificultar a aprovação de benefícios aos trabalhadores. Nesse caso, o Congresso poderá se dizer tão autor da proposta de fim da escala 6x1 quanto o governo.

E tanto o presidente Lula como os parlamentares, especialmente governistas e do centrão, como Hugo Motta e Davi Alcolumbre, poderão se dizer donos da ideia.

Fernando Molica

Os outros de Ana Paula Maia

Ao analisar, em O Globo, a obra da escritora brasileira Ana Paula Maia, finalista do importantíssimo Booker Prize, o romancista angolano José Eduardo Agualusa tocou em um ponto fundamental — a capacidade de um autor deixar seu universo particular e narrar a vida dos que lhe são estranhos, os outros.

"Larga parte da melhor ficção literária começa no instante em que deixamos de ser nós para tomarmos o lugar de um dos muitos seres que nos habitam", ressaltou Agualusa. Teve o cuidado de frisar a presença alheia em cada um de nós, escritores ou não.

Ou seja, mesmo ao tratar de pessoas que não fazem parte de seu universo mais próximo, um artista trabalha a partir da visão que tem delas. Sua obra tende a ser melhor na medida em que consiga extirpar preconceitos e estereótipos que construiu sobre este outro; uma busca necessária, na vida e na criação.

Mulher, negra, nascida em Nova Iguaçu (RJ), Ana Paula, de 48 anos, escreve sobre homens brutos, violentos, donos de biografias que, aqui e ali mencionadas, movem-se um universo duro, pesado, feio, agressivo, que existem apenas no mapa de sua ficção. São personagens ao mesmo tempo vítimas e algozes, batem cabeça em matadouros, carrocerias e cadeias.

Ana Paula não é homem, não viveu nesses ambientes, ainda que tenha testemunhado a rotina de trabalhadores braçais. Mas sua biografia, tão diferente das de Valdênio, Melquíades e de Bronco Gil, não retira sua legitimidade de falar sobre eles, de imaginá-los, de criá-los, de jogá-los no nosso mundo de leitores.

Ao tratar de um outro tão evidente, Ana Paula exerce uma das principais possibilidades da arte, a

que nos permite tentar compreender aquele que nos é estranho. A boa literatura precisa ir além da conversa entre iguais, da reafirmação de consensos, de busca de unanimidades, torna-se mais relevante na medida em que busca o não óbvio. Um exercício que, no artigo, Agualusa chama de "grande milagre da literatura".

Em um país tão desigual, racista e machista como o nosso, escrever e publicar livros ainda é, majoritariamente, privilégio que se confunde com a origem dos autores. Barreira de muros tão altos como as presentes em livros de Ana Paula que, aos poucos, vem sendo derrubada, mas que ainda está lá. Mas essa lenta demolição já permite ao leitor acesso a narrativas fundamentais e necessárias, construídas a partir de visões historicamente silenciadas.

A permanência de tantas exclusões não deve ser, porém, limitadora, nem determinar o rumo das prosas. A mulher Ana Paula resolveu escrever sobre homens de um universo distante do seu, homens que assim passaram a existir e que dialogam com todos nós.

A escritora exerce seu lugar de fala a partir de um direito básico, sua vontade de escrever sobre um determinado assunto, qualquer que seja: sua visão, única, é tão legítima quanto qualquer outra. O importante é que tenhamos mais olhares e versões, não uma restrição de quem pode dizer o quê.

Ao exercitar seu jeito de ver aqueles homens sujos, condenados, oprimidos, ela remete às possibilidades e condenações de vida de cada um de nós; ao focalizar situações-limite, a escritora humaniza seus personagens, torna públicas trajetórias tão apartadas de nossas vidas. Assim, fala também de si, de todos nós, de tantas outras opressões.

EDITORIAL

EUA e Irã em nova rodada pela trégua

Depois de décadas marcadas por ameaças mútuas, sanções econômicas, guerras indiretas e discursos inflamados, os sinais de avanço nas negociações de paz entre Estados Unidos e Irã reacendem uma esperança rara em um dos cenários mais explosivos do planeta. Ainda que o acordo definitivo não esteja consolidado, o simples fato de Washington e Teerã voltarem à mesa de negociação já representa uma vitória da diplomacia sobre a lógica destrutiva da guerra.

Os entendimentos em discussão apontam para um cessar-fogo gradual, reabertura do Estreito de Ormuz e flexibilização parcial das sanções econômicas contra o Irã. Em troca, o governo iraniano aceitaria limites mais rígidos sobre seu programa nuclear e compromissos de não agressão regional. Trata-se de um caminho complexo, cercado de desconfianças históricas, mas essencial para evitar que o Oriente Médio mergulhe em uma crise ainda mais profunda.

Os ganhos de um eventual acordo extrapolam as fronteiras dos dois países. O primeiro impacto positivo seria econômico. O conflito elevou os preços internacionais do petróleo e ameaçou uma das principais rotas marítimas do mundo, o Estreito de Ormuz, por onde circula parcela significativa da energia consumida globalmente. Com a redução das tensões,

os mercados tendem a recuperar estabilidade, reduzindo pressões inflacionárias e custos de energia em diversos países, inclusive nas economias mais pobres.

Além disso, a paz diminuiria os riscos de expansão militar envolvendo outras potências e grupos armados aliados na região. O Oriente Médio vive há décadas sob o peso de conflitos que alimentam crises humanitárias, ondas migratórias e radicalização política. Um acordo sólido entre Estados Unidos e Irã poderia inaugurar uma nova fase de diálogo regional, reduzindo a violência em países como Iêmen, Síria e Líbano.

Há também um ganho político e simbólico para o mundo. Em tempos de crescente polarização internacional, guerras prolongadas e descrédito das instituições multilaterais, um entendimento entre adversários históricos demonstraria que a diplomacia ainda é capaz de produzir resultados concretos. A paz nunca será construída apenas por interesses estratégicos, mas também pela compreensão de que nenhuma guerra produz vencedores absolutos.

Se confirmados, os avanços atuais poderão representar mais do que o fim de um conflito: poderão simbolizar a recuperação da razão em um cenário internacional marcado pelo medo e pela intolerância. O mundo precisa menos de bombas e mais de pontes.

Opinião do leitor

Pentecostes, emoção pura

Pentecostes é uma das celebrações cristãs mais aguardadas pelos fiéis, que a consideram um momento de oração, fé, libertação e unção, 50 dias depois da Páscoa. Segundo os católicos, o nome Pentecostes foi criado após uma pregação do apóstolo Pedro em que houve grande efusão do Espírito Santo em uma destas festas.

*José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal*

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo - SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas - SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.